

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

GT-2 – Organização e Representação do Conhecimento

POR UMA REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO SEGUNDO SCHOPENHAUER

Manuela Eugênio Maia - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

FOR A REPRESENTATION OF INFORMATION AND KNOWLEDGE BY SCHOPENHAUER

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: A representação envolve a relação entre um objeto ou estado de coisa e a sua significação, simbolizada por um signo ou o seu conjunto. Assim, no que concerne à Ciência da Informação, fundamentando essa discussão, inclui-se a representação da informação, que estabelece a percepção em torno da compreensão conceitual (significado do termo) e terminológica (a forma que tal conceito assume, podendo ser expresso em signos e símbolos) atribuído ao complexo processo de categorização e de descrição. Desenvolvendo doutoramento em torno da autoria em cordel, aprofundou-se questões quanto à peculiaridade da descrição física acerca dos folhetos à luz da Ciência da Informação. A parte de ordem técnica relativa à representação da informação sobre o cordel consta na tese. Já a narrativa filosófica é delineada apresentando as contribuições de Schopenhauer quanto à noção de representação. Neste artigo, objetivou-se apresentar o formato que a representação assume na perspectiva da filosofia schopenhauereana e as suas possíveis implicações à Ciência da Informação. A perspectiva metodológica foi de natureza qualitativa, caracterizando-se pela abordagem argumentativa de cunho filosófico. A pesquisa possui viés documental e de enlace bibliográfico, estabelecendo as conexões e as dessemelhanças dos discursos selecionados na composição deste artigo para o reforço dos argumentos no ato da escrita. Dentre as contribuições do filósofo em tela para à área, elencou-se duas: a aproximação entre os procedimentos de tradução de idiomas aos da indexação relativo à Ciência da Informação e a perspectiva de estabelecer os enlaces teóricos fecundos da representação da informação e representação do conhecimento à cientificidade da referida área. Na rica produção da literatura popular brasileira, em específico o cordel, estabeleceu-se os seus enlaces com a representação da informação e do conhecimento. Orientando-se por uma intuição filosófica, tendo tal documento de aporte teórico, relacionou-se às contribuições de Schopenhauer para a Ciência da Informação nos aspectos da representação da informação e do conhecimento.

Palavras-Chave: Representação – Schopenhauer; Representação da Informação; Representação do Conhecimento.

Abstract: Representation involves the relation between an object or state of thing and its meaning, symbolized by a sign or its whole. Thus, as far as information science is concerned, the discussion is based on the representation of information, which establishes the perception about the conceptual (meaning of the term) and terminological (the form that this concept assumes, which can be expressed in Signs and symbols) attributed to the complex process of categorization and description. Developing a doctorate around the authorship in cordel, deepened questions as to the peculiarity of the physical description about the leaflets in the light of Information Science. The technical part concerning the representation of string information is in the thesis. The philosophical narrative is outlined presenting Schopenhauer's contributions to the notion of representation. In this article, the objective was to present the format that the representation assumes in the perspective of Schopenhauerean philosophy and its possible implications to the Information Science. The methodological perspective was qualitative in character, characterized by the argumentative approach of a philosophical nature. The research has documentary and bibliographic link bias, establishing the connections and dissimilarities of the selected discourses in the composition of this article for the reinforcement of the arguments in the act of writing. Among the contributions of the philosopher on canvas for the area, two approaches were drawn: the approximation between the procedures of translation of languages and those of indexation relative to Information Science and the perspective of establishing the fertile theoretical links of the representation of information and representation of knowledge The scientificity of the said area. In the rich production of Brazilian popular literature, in particular the cord, its links were established with the representation of information and knowledge. Guided by a philosophical intuition, having such a document of theoretical contribution, it was related to the contributions of Schopenhauer to the Information Science in the aspects of the representation of information and knowledge.

Keywords: Representation – Schopenhauer; Representation of Information; Representation of Knowledge.

1 INTRODUÇÃO

A produção de informação em diferentes suportes e formatos é cada vez mais crescente, complexa e múltipla. Um mesmo conteúdo pode ser concretizado num livro impresso e/ou digital, num objeto multimídia (imagem e som), entre outros. Tais suportes e formatos são valorizados de acordo com os interesses de grupos humanos quanto ao seu potencial acesso e, por isso, é fundamental construir as condições para que a informação consiga abranger às expectativas e às necessidades de quem a busca.

Se não bastasse essa multiplicidade no tocante a sua concretude, existe o conteúdo informacional neles inerentes, que prescinde de processos interpretativos no ato da sua indexação, seja por extração ou por atribuição (ARAÚJO JÚNIOR, 2007; LANCASTER, 2004). Isso conduz para a construção de um repertório linguístico capaz de controlar aspectos de ordem terminológica e semântica num conjunto de documentos pertencentes a um dado sistema de informação. Por documento, em consonância com Frohmann (2004), trata-se de informação materializada por meio de objetos que são constituídos de caráter significativo para quem deles o utiliza.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Temos, ao final, duas esferas que envolvem o documento no que se refere aos procedimentos técnicos de ordem representacional: a catalogação física, destinada a descrever os aspectos de ordem concreta inerentes ao suporte informacional, e a catalogação de assunto, envolvendo a análise do texto para que um conjunto diminuto de termos eleitos possa significá-lo. Esse processo é norteado pela indexação e abrange a tradução dos termos de um estado "natural" à atmosfera artificial, que constitui uma linguagem "criada" para possibilitar a comunicação entre quem precisa da informação e o sistema de recuperação para o qual foi desenvolvido. Essa linguagem conhecida na literatura por seu aspecto de controle visa a minimizar o ruído ou o silenciamento, respectivamente, o excesso ou a nulidade de resposta. Entendemos que a linguagem se transforma com o tempo e disso recorreremos a um conjunto de estratégias, a exemplo do uso de remissivas, auxiliando na atualização dos instrumentos de pesquisa elaborados para o acesso à informação.

A partir dessa contextualização, esclarecemos que o usuário pode obter o documento solicitado ao sistema por elementos que os relacionam, conhecidos por pontos de acesso. Se o usuário detém autoria, tradutor e um termo que sinalize o conteúdo de um documento, há possibilidades de ascender a informação desejada, duas de ordem catalográfica física e uma por assunto (FUJITA; RUBI; BOCCATO, 2009). Quanto mais houver descrição agregada, o êxito em obter o que se deseja tende a se concretizar junto ao processo de recuperação.

Compreendemos que a representação envolve a relação entre um objeto ou estado de coisa e a sua significação, simbolizada por um signo ou o seu conjunto. Assim, no que concerne à Ciência da Informação (CI), fundamentando essa discussão, inclui-se a representação da informação, que estabelece a percepção em torno da compreensão conceitual (significado do termo) e terminológica (a forma que tal conceito assume, podendo ser expresso em signos e símbolos) atribuído ao complexo processo de categorização e de descrição (CABRÉ, 1999; FRANCELIN, 2010; KOBASHI; FRANCELIN, 2011; KRIEGER, 2000).

Indexar não se trata de escolha de termos ao acaso, mas diz respeito a uma lógica filosófica vinculada aos atributos mentais, a apreensão de mundo, associados a cultura vivenciada pelo indexador. Ao final, todo esse repertório teórico se concretiza em índices, em catálogos, e assim por diante, materializando o pensado em algo pragmático, a saber, documentos que possibilitam acessar à informação.

Desenvolvendo nosso estudo de doutoramento em torno da autoria em cordel, delineando o objeto de análise, aprofundamos questões quanto à peculiaridade da descrição

física acerca dos folhetos à luz da CI. Leitura após leitura, parte dessa escrita trouxe demasiado volume. Segregamos o texto; a parte de ordem técnica relativa à representação da informação sobre o cordel consta na tese. Já a narrativa filosófica, trazemo-la ao debate, delineando as contribuições de Schopenhauer quanto à noção de representação. Nessa direção, o nosso objetivo é apresentar o formato que a representação assume na perspectiva da filosofia schopenhauereana e as suas possíveis implicações à Ciência da Informação.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Considerando o objetivo desse estudo, a nossa perspectiva metodológica foi de natureza qualitativa, caracterizando-se pela abordagem argumentativa de cunho filosófico. Para tal, fizemos uso de duas obras de destaque do filósofo analisado, a saber, "a arte de escrever" e "o mundo como vontade e representação" e, nessa direção, a pesquisa possui viés documental. Inerente a qualquer pesquisa científica, possui enlace bibliográfico, estabelecendo as conexões e as dessemelhanças dos discursos selecionados na composição deste artigo para o reforço dos argumentos no ato da escrita. Essas perspectivas de cunho metodológico ponderaram acerca do nosso objeto, que visa à aproximação entre Schopenhauer e a CI, enquadrando-nos, portanto, numa perspectiva descritiva e exploratória.

Assim, entendendo que estamos no âmbito dos argumentos, nosso método de estudo é o dedutivo. Para além de citado filósofo, contamos com as leituras nas áreas da representação e organização da informação e da CI, baseando-se em autores renomados como Albuquerque (2011), Araújo Júnior (2007), Cabré (1999), Francelin (2010), Fujita, Rubi e Boccato (2009), Kobashi e Francelin (2011), Lancaster (2004), Smit e Kobashi (2003), entre outros.

Discutir Schopenhauer foi inusitado e teve início pela curiosidade em ler "a arte de escrever", que ocorreu de modo não intencional em busca de textos para escrita da tese em andamento. Composta de cinco ensaios, o filósofo criticava tempestivamente os deslizes praticados em traduções de textos, remetendo suas preocupações às questões de ordem lexical, sintática e semântica. Dada essa curiosidade, fomos em busca de sua bibliografia e eis que encontramos o livro "o mundo como vontade e representação". Mais uma vez a curiosidade nos cercou e dela, surgiu um texto que, devido ao seu contexto filosófico, aludia para outro escopo da propositura narrativa de nossa tese. Consultamos a base de dados Scielo¹ na seguinte

¹ Busca realizada no seguinte *link* de acesso: <<http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=article^dlibrary&lang=p&fmt=iso.pft&form=A>>

sequência: artigos - índice de assunto - pesquisa (remete à possibilidade de correlacionar até três termos). Usando apenas o operador booleano "e", estabelecemos os seguintes entrecruzamentos: (1) "Schopenhauer" + "Ciência da Informação"; (2) "Schopenhauer" + "Ciência da Informação" + "Representação"; e (3) "Schopenhauer" + "Representação". Das três possibilidades, obtivemos apenas duas respostas na última tentativa e foram os seguintes títulos: "o fundamento epistemológico da metafísica da vontade de Arthur Schopenhauer" e "música como aia da vontade: ensaio sobre a leitura wagneriana de Schopenhauer", respectivamente publicados em 2009 e em 2012. Essa mesma busca realizada em 2015, atualizada em junho de 2017 para a composição deste artigo, foi realizada e obtivemos a mesma resposta.

Na ocasião da construção deste texto, buscamos sem êxito, o conteúdo da tese intitulada “noções de representação na Ciência da Informação: concepções a partir da filosofia de Arthur Schopenhauer”, de autoria de Julianne Teixeira e Silva, sob a orientação do professor doutor Carlos Xavier de Azevedo Netto, defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB), em dezembro de 2016. Todavia, até a data de envio deste artigo, a tese não estava disponível para consulta nas bases oficiais de teses e dissertações, impossibilitando que a mesma fosse utilizada como fonte de consulta, por conseguinte, referenciada no sentido de ampliar a possibilidade dialógica entre as ideias postas neste artigo e a tese supracitada.

Diante do exposto, sentimos necessidade em adentrar para a atmosfera da CI esse interessante debate ao passo que nos instiga a árdua responsabilidade em promovê-lo. Ou seja, não é fácil a tarefa de estabelecer as conexões da perspectiva schopenhauereana no tocante à representação e aos seus possíveis enlaces reflexivos para a CI.

3 CONHECENDO SCHOPENHAUER

Arthur Schopenhauer foi filho de famosa romancista, Johanna Schopenhauer. Talvez, essa referência materna estivesse entranhada em sua genética. Sua mãe manteve por vários anos um salão literário com destacado papel no cenário cultural em Weimar, cidade da Alemanha. Espaço esse que permitiu a Schopenhauer conhecer ilustres figuras da literatura alemã; delas, nutriu profunda admiração por Goethe (1749-1832), colaborando inclusive na escrita da obra "doutrina das cores" (1810).

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Rompeu com a família em 1814. Seu forte temperamento era refletido em sua filosofia extremamente crítica. Não poupava ninguém e, sempre que oportuno, depreciava os "incompetentes filósofos idealistas alemães". Seus textos possuem bases em Platão (427 a.C.-347 a.C.), Kant (1724-1804), os antigos clássicos gregos e latinos e autores da tradição da literatura indiana (PUC-SP, 2017; SCHOPENHAUER, [20--]; 2007).

Iniciando a docência na Universidade de Berlim em 1820, trabalhou no mesmo departamento de Hegel, autor objeto de suas intensas análises. Dada a fama do colega, tal postura lhe condenou a abandonar a Universidade e ser marginalizado por 30 anos dos ciclos filosóficos. Depois da segunda metade do século XIX, o inesperado sucesso da obra "Parerga e Paralipomena" (1851), abriu-lhe as portas para o sucesso.

Dentre os vários livros que escreveu, destacamos: "a quádrupla razão do princípio de razão suficiente" (1813) - tese de doutoramento, "sobre a visão e as cores" (1816), "o mundo como vontade e representação" (1819), "sobre a vontade da natureza [da vontade na natureza]" (1836), "os dois problemas fundamentais [básicos] da ética" (1841), "a arte de ter razão" (1864), entre outros (PUC-SP, 2017; SCHOPENHAUER, [20--]; 2007).

Na obra "a arte de escrever", nos cinco ensaios escritos por Schopenhauer, percebemos o quanto atenta para os perigos da tradução e da especificidade vocabular e semântica de cada língua nesse processo. Será que impetramos representar a narrativa tal qual ao texto original? Para o citado autor, a resposta é "não", defendendo que o leitor devesse compreender mais de um idioma para perceber as nuances, significações e peculiaridades de cada língua. E, de modo quase similar aos dilemas do nosso campo de atuação no processo de organização da informação, equiparando à noção de leitor e de usuário, indagamo-nos: conseguimos conciliar os termos representativos de uma obra e que atendam à percepção do leitor/usuário no momento de sua busca? Ou ainda, é possível estabelecer com um número limitado de termos em um dado sistema de informação a completude do conteúdo de um texto? No caso do cordel brasileiro, o regionalismo linguístico de cada grupo social amplia a complexidade acerca da relação entre os termos, sua semântica e as escolhas elencadas pelo indexador (MAIA; ALBUQUERQUE, 2014; MAIA; OLIVEIRA, 2008; SMIT; KOBASHI, 2003).

A indexação, independentemente de texto escrito em outro idioma, por se tratar de um processo de tradução da linguagem natural para a artificial, envolve particularidades de ordem vocabular, conceitual e classificatória de áreas específicas do saber (LANCASTER, 2004).

O bibliotecário, arquivista ou museólogo possuem propriedade técnica e, a cada trabalho realizado em coleção/acervo, precisam adentrar em domínios de conhecimentos especializados. É nessa concepção que Schopenhauer (2001, p.12) nos auxilia na tentativa de relacionar a teoria do conhecimento que alude à representação, envolvendo a ideia essencial de que o mundo tal qual entendemos, é produto um racional - possuímos a "faculdade [...] de formar noções abstratas" -, peculiar a condição humana. Assim, se toda representação se estabelece na relação entre sujeito e objeto, então o seu desdobramento, a realidade, é relativo. "Procurar a existência do objeto fora da representação do sujeito, o ser das coisas reais fora da sua atividade, é um empreendimento contraditório [...] Nenhum objeto [...] poderia ser concebido sem um sujeito [...] Todo o mundo objetivo é e permanece representação" (SCHOPENHAUER, 2001, p.21).

Nessa direção, nossas escolhas representacionais quando selecionamos, identificamos, organizamos, disseminamos e avaliamos os objetos informacionais configuram-se frutos de ações intencionais e refletem o sujeito no seu tempo e local/espço.

4 NOS DOMÍNIOS DO CONHECIMENTO E DA REPRESENTAÇÃO EM SCHOPENHAUER: APROXIMAÇÕES COM A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Traduzir um texto de uma língua para outra não se trata de uma mera troca de palavras e a indexação prescinde da mesma prerrogativa. É imperativo compreender os sentidos e as sutilezas terminológicas que compõem uma obra. Nessa direção, nem todo termo possui um equivalente em outro idioma e, na indexação, isso também pode ocorrer.

A escolha pelos termos, seja na tradução entre idiomas quanto na indexação, tem como ponto de partida a percepção de mundo de um sujeito que reflete o seu tempo e o seu espaço (MAIA; OLIVEIRA, 2008; SCHOPENHAUER, 2007). Acrescentamos a isso a noção de pertencimento semântico-cultural, que posiciona o grupo do qual pertence o tradutor ou o indexador. Por isso, certos objetos em um período histórico agregam valor e, em outros, não. O mesmo ocorre em relação ao espaço físico onde o objeto se posiciona. O cordel brasileiro, por exemplo, na academia, era objeto marginalizado enquanto elemento de estudo. No século XXI, ganha visibilidade tamanha que é incorporado como conteúdo em livros didáticos da educação básica, fazendo parte também do circuito editorial nacional.

Assim como na indexação, a tradução é imperfeita, pois são produtos processuais que refletem a visão de mundo e limitações relativas ao cabedal cultural de quem procede

indexando ou traduzindo. Aproximando a Ciência da Informação à filosofia de Schopenhauer (2007, p.153), suas sugestões quanto aos procedimentos para a realização de uma tradução podem ser utilizados no âmbito da indexação, eis: (1) "compreender corretamente todos os conceitos que a língua [/texto...] designa"; (2) "pensar no conceito designado pela tradução"; (3) atentar para as expressões idiomáticas, que apresentam significados distintos e, se traduzido termo a termo, descaracteriza o sentido da sentença e, no caso da indexação, isso pode incorrer em problemas de escolha terminológica que não correspondam o mais próximo do conteúdo do texto; (4) estar atualizado, pois cotidianamente a língua e áreas do saber manifestam continuamente novos conceitos e signos.

A literatura popular brasileira, destacando o cordel e a sua riqueza cultural quanto às sinonímias regionais e à liberdade estética, exige do indexador muita atenção. A prerrogativa poética desse documento permite o uso de expressões linguísticas e significados múltiplos, acentuado por sua referência intertextual, requisitando sensibilidade aguçada no processo de indexação. Conhecer os meandros da cultura é essencial e trazemos uma situação vivenciada que estabelece pontos de articulação com as sugestões elencadas acima por Schopenhauer (2007) quanto aos procedimentos para a realização da tradução.

No início do século XX do nordeste brasileiro, houve um movimento social nominado por cangaço, associado a ideia de assalto e de banditismo. Seu personagem mais popular foi o Lampião, retratado de modos destoantes a depender da percepção do cordelista/poeta (bandido, alegórico, salvador). Trabalhando entre 2005 a 2013 no acervo da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida (BORAA), localizada na cidade de Campina Grande, na Paraíba, com destacado acervo que atualmente consta 17.934 folhetos (UNIVERSIDADE ESTADUAL..., 2016), certa vez, uma bibliotecária que indexava cordéis em biblioteca situada no Rio de Janeiro, desconhecendo a nossa cultura, apenas entendia que o cangaço e Lampião fossem termos similares e questionava o motivo pelo qual na nossa base de dados não fazíamos tal relação. Daí, explicar-lhe que houvera outros líderes de bandos, a saber, Antônio Silvino, e que no acervo da citada Biblioteca havia folhetos que sinalizavam essa informação, permitindo-nos assegurar que Lampião não configura sinônimo de cangaço. O domínio sobre o acervo é um aspecto que auxiliou nossa prática de indexar, mas, o fato de desconhecer a cultura local (ou compreensão de áreas do saber), pode incorrer em problemas nas relações conceituais e associativas no momento da indexação. Seja por extração e/ou atribuição, a indexação é um processo mental

que envolve várias relações entre os termos, o indexador, o texto e o contexto tanto do autor quanto de quem o analisa (ARAÚJO JÚNIOR, 2007; MAIA; OLIVEIRA, 2008; 2016).

Cabe esclarecer que há duas perspectivas, não divergentes, mas que consideramos complementares tanto em Schopenhauer como nos estudiosos na área da CI em relação ao termo representação. O primeiro aponta a representação em direção à teoria do conhecimento, tratando-se da percepção de como os humanos conhecem as coisas do mundo. Na CI, a representação está relacionada ao processo de organização da informação, caracterizando o ato de conhecer a algo de natureza presente e concreta, envolvendo as noções conceituais e classificatórias determinantes para a nominação das escolhas terminológica. Ao final, estas direcionam a construção de atributos que definam e sintetizem o repertório de informações elencadas nas diversas áreas do saber. É nessa acepção que conseguimos conjecturar a representação para além da informação e inseri-la no âmbito do conhecimento, quando, no seu processo de organização, vislumbra-se a compreensão que envolve as formas como apreendemos os objetos no mundo (CARLAN, 2010). Percebê-los, posicionam como epistemologicamente o tradutor ou o indexador refletem suas escolhas que, ao final, definem os predicados associados aos objetos nas formas como os classificamos, descrevemos e selecionamos os conceitos e os termos (DAHLBERG, 1978; GALVÃO, 1998).

Se o mundo existe naquilo que podemos perceber e se configura na forma como conseguimos apreender os objetos no nosso pensamento, a representação é um estatuto limitante às experiências de cada sujeito. A representação é um atributo relacional, ou seja, é um processo em que "elementos simbólicos – palavras, figuras, imagens, desenhos, mímicas, esquemas, entre outros" – são substituídos por outro conjunto de símbolos. No caso da CI, a representação envolve a criação de um universo que passa a compor um sistema de informação categorizado no sentido de estabelecer uma conjuntura lógica que permite ascende-la mediante mecanismos próprios (LIMA; ALVARES, 21--, p.21).

Assim, o mundo é uma representação peculiar e particularizada. Contudo, também possui um estrato do qual não experienciamos, mas que pode ser percebida por outros ou que simplesmente consta e que não acessamos por limitações espaciais ou temporais e, a isso, Schopenhauer (2001, p.12) designa como vontade - considerada decorrentes da nossa realidade, "puramente relativa". O nosso interesse repousa no que podemos significar, logo, no mundo como representação e, nessa direção, sujeito, objeto, signos e conceitos. Ou seja,

quando a vontade se torna "objeto, isto é, representação [...] - a vontade se traduz na representação, em outras palavras, se representa como objeto" (SCHOPENHAUER, 2001, p.177).

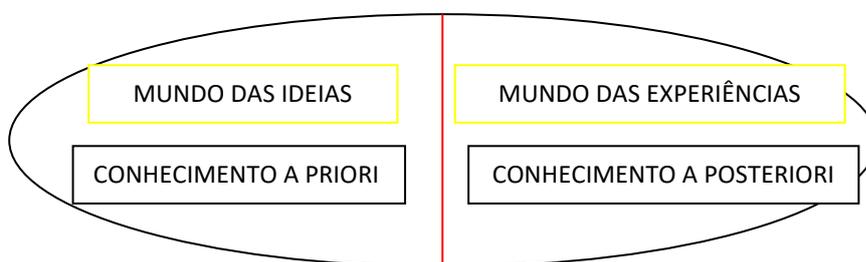
O conceito requer domínio sobre o contexto por envolver um voluptuoso conjunto de conhecimentos agregados acerca do vocabulário, da sintaxe, das regras de formação, todos pertinentes para o estabelecimento da comunicação entre humanos (DAHLBERG, 1978; GALVÃO, 1998). Talvez, a maioria das pessoas não reflita sobre essa fenomenal competência que envolve a expertise desse vasto repertório que constitui a nossa linguagem e a nossa comunicação. Atualizando Schopenhauer (2001; 2007) a esse debate, para Chomsky (1978), só a condição biológica humana tem o potencial para o desenvolvimento de arquitetado meio de estabelecer interações simbólicas sofisticadas, mediante o aprendizado com outros humanos. Isso é possível, pois o nosso cérebro possui capacidades fundamentais inatas. Fundamentado no racionalismo, Chomsky (1978) assevera que nascemos com um inerente aparato de regras gramaticais capaz de gerar infinitas sequencias frasais, nominando esse aspecto de "gramática gerativa". Kato (1995, p.101) afirma: "o indivíduo vem programado biologicamente para desenvolver determinados tipos de gramática". É no processo de aprendizado, na interação cultural, que esse mecanismo é ativado. E Orlandi (1999) complementa, referindo-se a Chomsky (1978), que os humanos se caracterizam pela racionalidade, cuja habilidade linguística é possível ser desenvolvida, pois nascemos com tal potencial. É o que Chomsky (1978) denomina de competência linguística, capacidade que é reforçada na prática por meio do convívio entre os sujeitos. Tal competência é construída socialmente, pois o sujeito nasce (inato) com as características para o referido desenvolvimento. A habilidade linguística é um processo de sofisticação de domínio da linguagem que ocorre por meio da aprendizagem. Desse modo, compreende-se que o conhecimento por competência é prático, requerendo do sujeito o saber fazer (executar). Chomsky (1978) contextualiza: uma criança já nasce "programada" para falar. A língua que ela vai desenvolver dependerá do local onde esteja. O fato é que, ao aprender a falar, a criança tem a competência em relação a uma determinada gramática de uma determinada língua e, ao fazer uso desse conhecimento, manifesta esse desempenho.

Em Schopenhauer (2001), o mundo como representação é categorizado em duas perspectivas: intuitiva e abstrata. As representações abstratas pertencem unicamente à faculdade dos humanos, podendo ser compreendida, segundo a concepção kantiana, por razão. Nestas, estão a formulação dos conceitos (SCHOPENHAUER, 2007). Kobashi e Francelin (2011) acrescentam que duas correntes do conhecimento são fundamentais para contextualizar as

possibilidades dos humanos em ascender a percepção dos conceitos: o empirismo e o racionalismo. No primeiro, a construção dos conceitos resulta da relação dos processos experienciais do sujeito com os objetos do mundo. Já o racionalismo, os conceitos são frutos de apreensões eminentemente da cognição/razão.

Esse repertório teórico identificado por Shopenhauer (2001) e Kobashi e Francelin (2011) está identificado na filosofia de Platão, que nomina duas possibilidades de apreensão lógica do conhecimento, a saber, *a priori* (conceitos puros e inatos) e *a posteriori* (frutos da empiria). Esse debate é retomado na perspectiva kantiana de modo flexibilizado. No sentido de categorizar a relação entre o sujeito do conhecimento e o objeto, Kant (2001) volta-se para a lógica no intuito de reavaliar, no âmbito de sua filosofia, o entendimento acerca do conhecimento epistemológico que, anterior a ele, era distintamente compreendido sob a forma de duas possibilidades: conhecimentos *a priori* e *a posteriori*. Para fins didáticos, a Figura 1 visa a representar essa percepção:

Figura 1: Epistemologia do conhecimento anterior a Kant (2001).



Fonte: Dados da pesquisa – 2017.

Kant (2001) acrescenta ao debate o domínio lógico do conhecimento, incluindo duas categorias: o conhecimento analítico e o sintético. O conhecimento analítico está para o conhecimento *a priori* assim como o conhecimento sintético está para o conhecimento *a posteriori*. O conhecimento analítico representa os objetos que não estejam diretamente ligado ao mundo. Assim sendo, independe da experiência. Podemos até concluir que o conhecimento analítico é produzido em gabinetes fechados, sendo utilizado pelo pesquisador o papel, a caneta, a borracha, o raciocínio e a abstração. Penso, logo existo! Parece obvio, mas para o racionalismo, que se utiliza do conhecimento analítico, não o é.

Num outro plano está o conhecimento sintético, legitimado pela experiência e pela intuição empírica do sujeito em relação ao mundo sensível. Pode ser falsificado, pois os sentidos nos enganam! O contato direto com os objetos reais por meio da sensação acrescenta algo do

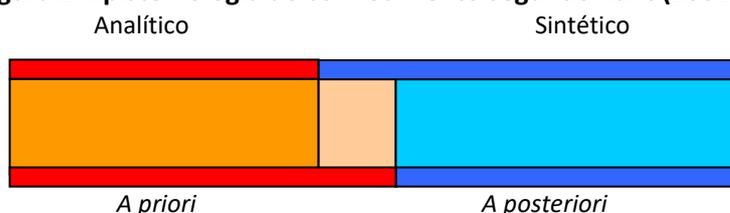
mundo ao sujeito do conhecimento, pois é na experiência que este tipo de conhecimento produz significados. Desta forma, torna-se forma de apreensão fidedigna; trata-se da produção do conhecimento voltado para algo real. Kant (2001, p.18) complementa: "a impressão de um objeto sobre esta capacidade de representações, enquanto somos por ele afetados, é a sensação".

Se para os filósofos anteriores a Kant (2001, p.12-13) os conhecimentos *a priori* e *a posteriori* encontravam-se distintos e opostos, a contribuição do referido pensador para a teoria do conhecimento é a relativização desta perspectiva. Segundo ele, há elementos constitutivos do conhecimento *a priori* e que se sustenta no âmbito do conhecimento sintético e exemplifica:

A ciência da natureza (Física) contém como princípios, juízos sintéticos *a priori*. Só tomarei como exemplos estas duas proposições: em todas as mudanças do mundo corpóreo a quantidade de matéria permanece sempre a mesma, ou, em todas as comunicações de movimento a ação e reação devem ser sempre iguais. Em ambos vemos, não só a necessidade e, por conseguinte, sua origem *a priori*, senão que são proposições sintéticas [...] Proposição não é, pois, concebida analítica, senão sinteticamente ainda que *a priori*, e assim sucede com as restantes proposições da parte pura da Física.

Também acredita na possibilidade de encontrar elementos constitutivos do conhecimento analítico no âmbito do conhecimento *a posteriori*. A Figura 2 ilustra essa vinculação:

Figura 2: Epistemologia do conhecimento segundo Kant (2001).



Fonte: Dados da pesquisa - 2017.

Nessa percepção de conhecimento à luz da compreensão schopenhauereana, as representações intuitivas englobam as esferas da experiência possível. Nesta condição, são espacial e temporalmente limitadas pelo vivido e aproximam-se da concepção de conhecimento *a posteriori*. Esta representação é frágil, pois os sentidos, a experiência direta com os objetos podem nos causar distorções acerca do mundo. E Schopenhauer (2001, p.22) complementa: "É por esta razão que o mundo da intuição, enquanto não tentamos ultrapassá-lo, não provoca,

naquele que observa, nem dúvida ou inquietude; não há aqui lugar nem para o erro nem para a verdade, relegados, um e outra, para o domínio abstrato da reflexão".

Assim, o filósofo nos conduz a perceber a necessidade de olhar para a representação enquanto fenômeno da abstração, provocando na CI um direcionamento fundamental na sua relação entre a representação enquanto informação e a representação na esfera do conhecimento. No primeiro caso, são eminentes as questões de ordem descritiva, envolve uma leitura sistemática em torno dos objetos e dos fenômenos do mundo enquanto prática de tradução. Faz-se uso de uma linguagem controlada que relaciona objetos a signos num espectro limitado, considerando representar uma parte do mundo, o qual é denominado por sistema de informação. Sua finalidade é estritamente prática e tem como prerrogativa permitir que usuários acessem e localizem o que desejam encontrar. "Não há absolutamente nenhum objeto sem um sujeito [...] Sóis e planetas sem olhos para os verem, sem uma inteligência para os conhecer, são palavras que se podem pronunciar, mas que representam qualquer coisa de tão inteligível como 'bocado de ferro de madeira'" (SCHOPENHAUER, 2001, p.32).

No tocante à representação do conhecimento no contexto da CI, somos sugestionadas a entender o seu uso sob a perspectiva racional no sentido de re-analisar os filtros que envolvem toda a cadeia de organização da informação. Estaríamos no campo da metalinguagem acerca da representação, ou seja, é valer-se da representação para estudá-la e explicá-la. É sob a perspectiva dos princípios da razão e da causalidade, relacionada à teoria do conhecimento, que se fundamenta a representação.

Receber a designação de ciência em determinadas áreas do saber é possível não pelo motivo de tal designação compor o seu título, a saber, Ciência da Informação, Ciência da Computação, entre outras, mas, no fato de repousar em "dois dados fundamentais: o primeiro, o princípio da razão, sob qualquer uma das suas formas, servindo de princípio regulador; o segundo, o próprio objeto que ela estuda e que se apresenta sempre no estado de problema" (SCHOPENHAUER, 2001, p.36). Assim, cumpre à representação do conhecimento o seu fundamental empenho para o desenvolvimento da CI enquanto ciência. Com base nesse conjunto de argumentos, asseveramos que a compreensão acerca da representação em Schopenhauer (2001) suscitou-nos reflexões no sentido de perceber na CI a sua cientificidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Estabelecer critérios terminológicos e conceituais são atributos unicamente da natureza humana. Para Schopenhauer (2001), os conceitos tratam de uma classe especial de representação, que se distinguem da intuição, mas que necessitam desta para o estabelecimento de relações sem os quais os conceitos não existiriam. Isso ocorre pois a essência da intuição está na realidade. Se o que é representado é uma condição eminentemente humana, pois este é que estabelece os vínculos através da linguagem entre o sujeito e o objeto, "os conceitos são representações das representações" (SCHOPENHAUER, 2001, p.48) e, nessa direção, enquadram-se na classe das representações abstratas. Considerando que tais representações se relacionam diretamente com o princípio fundamental da razão, faculdade restritamente humana, compõem, portanto, do princípio do conhecimento. É nesse sentido que a representação pode garantir o grau de cientificidade à CI, balizada sob os princípios da razão e da causalidade.

Para o campo da CI, os termos e os conceitos são fundamentais para nomeação dos objetos, que são escolhidos, descritos e classificados em sistemas de informação. Complementando, Faria e Pericão (2008, p.188) sinalizam que o conceito é "qualquer unidade de pensamento, [tratando-se de uma] noção selecionada para reter como unidade de análise semântica para fins de indexação; [nela,] os conceitos existentes num documento [e] são extraídos pela análise" e expressos em termos de indexação.

Esclarecemos que as formas de representação de informação que os sujeitos produzem são inúmeras, indo além do texto escrito; podem estar apresentados sob as formas de desenhos, hipertextos, iconografia, réalias, entre outras. Maiores ainda são os objetos que constam no mundo e que cabe a representação estudar suas vinculações terminológicas e conceituais na esfera do conhecimento. Cabe esclarecer, segundo Schopenhauer (2001, p.181), referindo-se a Kant (2001), o devido cuidado dessa esfera, pois, a faculdade do conhecer dar-se-á pelos "sentidos e [pelo] entendimento" e ambos possuem limitações, pois envolvem duas categorias de natureza relativa, a saber, espaço e tempo.

Há outro filósofo que suas contribuições são interessantes para o enfoque da representação: Wittgenstein (1968). A sua teoria geral da representação tenta responder a seguinte questão: quais são as condições de verdade de uma sentença de forma "x" representa "y"? Parte do pressuposto que a representação é quando algo representa outra coisa. Para tal, entende de "x" pode ser uma imagem, um objeto, uma sentença, um diagrama e "y", um objeto, uma propriedade, um estado de coisas, um fato. Para tanto, esclarece que é

preciso que exista algo em comum entre "x" e "y", o que nomina de "forma de representação". Para tornar elucidativo, exemplifiquemos: "x" pode ser uma foto em preto e branco e o seu correspondente em "y" representa qualquer objeto fotografado; "x" pode ser uma pintura colorida e o seu correspondente em "y" só pode representar objetos coloridos; "x" pode ser uma partitura musical e o seu correspondente em "y" é a representação das ondas sonoras. Por fim, compreende que "x" equivale o que representa e "y" o que é representado. A concepção de representação para Wittgenstein (1968) pode ser objeto de estudo e elaboração de outra pesquisa.

É fato que somos envoltos por signos de complexa estrutura em nosso cotidiano e, na maioria das vezes, não percebidos no ato da comunicação, pois ocorre de forma automática. Quando traduzimos (e isso inclui a indexação enquanto processo de ressignificação da linguagem natural para a controlada), assumimos o conceito como pertencente à classe da representação abstrata, um conjunto de signos descritivos são usados para remeter a um ou poucos signos que os expressem (SCHOPENHAUER, 2001). Quando indexamos, por exemplo, extraímos conceitos dos documentos por meio de análise do conteúdo e traduzimos tais termos para outra linguagem, nominada de linguagem documentária. Esta representação identifica o documento e define seus pontos de acesso para consulta dos usuários, o que eleva esse processo a um nível de rebuscamento, pois envolve a sua descrição para um sistema de informação de natureza técnica e, ao mesmo tempo, é parâmetro para que um grupo de sujeitos possa buscar e acessar tais informações (FUJITA; RUBI; BOCCATO, 2009; GOMES, 2006; KOBASHI; FRANCELIN, 2011).

Na rica produção da literatura popular brasileira, em específico o cordel, baliza as nossas pesquisas, estabelecendo os seus enlaces com a representação da informação. Por décadas marginalizada como objeto de estudo acadêmico, resistiu ao tempo e aos diversos meios de interação social mediada (MAIA; OLIVEIRA, 2016). A internet o revigorou e viabilizou a sua expansão, tornando-se tão único que se configura no século XXI como um dos instrumentos representativos de nossa cultura enquanto fenômeno nacional. Nessa direção, com base em resultados da tese em andamento, publicado no 16. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação ocorrido em 2016, sugerimos a necessária revisão do cordel em âmbito descritivo em função da insipiência dos manuais catalográficos. Guiadas por nossa intuição filosófica, tendo tal documento de aporte teórico, relacionamos a contribuição de

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

Schopenhauer (2001; 2007) para a CI nos aspectos da representação da informação e do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **Literatura popular de cordel**: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica. 2011. 322f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

ARAÚJO JÚNIOR, Rogério Henrique. **Precisão no processo de busca e recuperação da informação**. Brasília: Thesaurus, 2007.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología**: representación y comunicación. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada, 1999.

CARLAN, Eliana. **Sistemas de organização do conhecimento**: uma reflexão no contexto da Ciência da Informação. 2010. 100f. Dissertação (Mestrado)– Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Tradução: José António Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra: Arménio Amado, 1978.

DAHLBERG, Ingetrat. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Brasília, v.7, n.2, p.101-107, 1978.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: EDUSP, 2008.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. **Ordem dos conceitos na organização da informação e do conhecimento**. 2010. 220f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FROHMANN, Bernd. Documentation redux: prolegomenon to (another) philosophy of information. **Library Trends**, v.52, n.3, p.387-407, 2004.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; RUBI, Milena Polsinelli; BOCCATO, Vera Regina Casari. As diferentes perspectivas teóricas e metodológicas sobre indexação e catalogação de assuntos. In: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes (Org.). **A indexação de livros**: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias - um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais [online]. São Paulo: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. Construção de conceitos no campo da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.27, n.1, p.46-52, jan./abr. 1998.

KANT, Emmanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução: J. Rodrigues de Meringe. [S. l.]: Acrópolis, 2001.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

KATO, Mary Aizawa. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1995.

KOBASHI, Nair Yumiko; FRANCELIN, Marivalde Moacir. Conceitos, categorias e organização do conhecimento. **Informação e Informação**, Londrina, v.16 n.3, p.1-24, jan./jun. 2011.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia revisitada. **DELTA**, São Paulo, v.16, n.2, p.209-228, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200001&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 20 jun. 2016.

LANCASTER, Frederick Wilfrid. **Indexação e resumo**: teoria e prática. Tradução: Antônio Agenor Brinquet de Lemos. Brasília, DF: Brinquet Lemos, 2004.

LIMA, José Leonardo Oliveira; ALVARES, Lillian. Organização e representação da informação e do conhecimento. [S. l.: s. n., 21--]. Disponível em: <<http://www.b4editores.com.br/images/capitulos/organizacao-da-informacao-e-do-conhecimento-cap-ok.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

MAIA, Manuela Eugênio; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. O uso da análise da informação nos processos de indexação para o contexto do cordel. **Revista DataGramZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v.15, n.5, out. 2014. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out14/Art_03.htm>. Acesso em: 20 dez. 2014.

_____; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire. Tratamento documental para cordéis: o raro acervo Átila Almeida. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE ARQUIVOLOGIA, 1., 2008, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa, UEPB, 2008.

_____; _____. O cordel e os enlaces com a Ciência da Informação: necessária revisão quanto ao seu potencial tipológico na esfera descritiva. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador, UFBA, 2016. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2016/enancib2016/paper/viewFile/3940/2310>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é linguística**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PUC-SP. **Vida & obra**: Arthur Schopenhauer. São Paulo: L&PM, 2017. Disponível em: <http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=706094>. Acesso em: 04 jun. 2017.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Tradução: M. F. de Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

_____. **A arte de escrever**. Tradução: Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2007.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

_____. **As dores do mundo**. [S. l.: s. n.], [20--]. Disponível em:
<<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/schopenhauer-a-dores-do-mundo.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

SMIT, Johanna Wilhelmina; KOBASHI, Nair Yumiko. **Como elaborar vocabulário controlado para aplicação em arquivos**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2003.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. **Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida: o acervo**. Campina Grande: UEPB, 2016. Disponível em:
<<http://bibliotecaatilaalmeida.uepb.edu.br/#acervo>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução: José Arthur Giannotti. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.